

# PEDAGOGIAS CULTURAIS, CORPORALIDADES E NORMATIVIDADES NO CIBERESPAÇO

## CULTURAL PEDAGOGIES, BODIES AND NORMATIVITIES IN CYBERSPACE

### PEDAGOGIAS CULTURALES, CORPORALIDADES Y NORMATIVAS EN EL CIBERESPAÇO

Alexandre Luiz Polizel\*  
alexandre\_polizel@hotmail.com

Moises Alves de Oliveira\*  
moises@uel.br

\*Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR – Brasil

#### Resumo

Neste ensaio temos por objetivo apresentar considerações acerca de como os corpos interagem com as normalidades e instauram subjetividades, constituindo modos de aprender sobre os corpos e, de interagir com estes – um modus de refletir bio(técno)logias outras na contemporaneidade. Para isso, realizou-se imersão em um grupo presente na rede social facebook que identificaremos como Vale, analisado sob a óptica de teorizações dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações. Assim, organizamos este manuscrito em três eixos: a) Corporificação de uma taxonomia; b) O olhar a si e as biotécnicas; e c) Violações e o corpo do Outro.

**Palavras Chave:** Pedagogias Culturais. Estudos Culturais. Corpos. Normatividade.

#### Abstract

In this essay we aim to present considerations about how bodies interact with normalities and establish subjectivities, constituting ways of learning about bodies and of interacting with them - a modus of reflecting bio(techno)logics others in contemporary times. For that, immersion was carried out in a group present in the facebook social network that we will identify as Vale, analyzed under the optics of the Cultural Studies of Science and Education. Thus, we organize this manuscript in three axis: a) Corporification of a taxonomy; b) Look at yourself, and biotechniques; and c) Violations and the body of the Other.

**Keywords:** Cultural Pedagogies. Cultural Studies. Bodies. Normativity.

#### Resumen

En este ensayo tenemos por objetivo presentar consideraciones acerca de cómo los cuerpos interactúan con las normalidades e instauran subjetividades, constituyendo modos de aprender sobre los cuerpos y, de interactuar con éstos - un modus de reflejo bio (técno) logias otras en la contemporaneidad. Para ello, se realizó inmersión en un grupo presente en la red social facebook que identificaremos como Vale, analizado bajo la óptica de teorizaciones de los Estudios Culturales de las Ciencias y de las Educaciones. Así, organizamos este manuscrito en tres ejes: a) Corporación de una taxonomía; b) la mirada a sí y las biotécnicas; y c) Violaciones y el cuerpo del Otro.

**Palabras clave:** Pedagogías Culturales. Estudios Culturales. Cuerpos. Normatividad.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este manuscrito como parte integrante de uma investigação que movimenta-se sob a indagação *Como os corpos fazem-se na virtualidade?*. Esse questionamento retoma o pensar o corpo como uma constituição que se dá nos múltiplos espaços, dentre eles os ciberespaços. Esta constituição corporal no ciberespaços produz novas linhas de subjetivação, novos modos de pensar e entender os corpos. Esses processos outros, arrastam consigo um conjunto de (bio)tecnologias e pedagogias outras, que nos interessamos em compreender. Se voltamos nosso olhar aos corpos, é por considera-lo como mote ontológico prepositivo e propositivo, como *substratum* das experiencialidades pela suas potencialidades de afetar e ser afetado por outros (DELEUZE, 1976; NIETZSCHE, 1974). Compreendendo também o corpo como uma das bases de fundação do campo disciplinar das ciências da vida e, da produção do próprio homem como espécime, visto que na organização do corpo são fixadas as teorizações acerca das funcionalidades que permitem o fenômeno da vida (DELEUZE, 1997; FOUCAULT, 1999).

Neste sentido, a reflexão acerca do corpo desloca-nos à movimentação do pensamento no entorno de que bases epistemológicas – ou seja, os modos de constituir saber, ensina-lo e aprende-lo – tem sido constituída no ciberespaço<sup>1</sup> reiterando ou rarefazendo visões de mundos: sobre quais enunciações são veiculadas, sob a óptica das Pedagogias Culturais.

Este olhar, voltado as Pedagogias Culturais, tratam os processos educativos como movimentações que extrapolam os espaços escolares e, as pedagogias operariam como articuladoras destes processos. Os conhecimentos assim seriam produtos de culturas, a educação um processo e, a pedagogia como um modalizador de modos de interessamentos que articulam os sujeitos e os conhecimentos (de)(re)compondo-os constantemente (ELLSWHORT, 2001).

Os diferentes lugares, levam assim a diferentes relações entre os atores que circulam nestes, e compõem diferentes culturas-conhecimentos nas negociações entre estes. Os ciberespaços, neste sentido, multiplicam espacialidades (LÉVY, 2000) – criam grupos, plataformas digitais, aplicativos, redes sociais, diários *onlines*... Rompem com fronteiras físicas, mas cria novos regimes de acesso e interação entre os sujeitos. É neste olhar, de diferentes localizações, que as dinâmicas de diferenciação dão-se e eventualizam Pedagogias outras.

---

<sup>1</sup> Ciberespaços emanam com o advento da web. Estes são tratados assim pois envolvem um jogo de temporalidades, virtualidades, atualidades e rompe com fronteiras físicas possibilitando a hibridização – e até mesmo guetificação – em interações culturais (LEVY, 2000)

Assim, aventuramo-nos no ciberespaço com o objetivo de taxonomizar essas Pedagogias outras, movendo-nos pelo questionamento: “Que técnicas atuam na produção do corpo na virtualidade?”. Como produtos desta taxonomização, organizamos este manuscrito em três eixos: a) Corporificação de uma taxonomia; b) O olhar a si e as biotécnicas; e c) Violações e o corpo do Outro.

## **CORPORIFICAÇÃO DE UMA TAXONOMIA**

O processo de taxonomização consiste em uma metodologia conhecida nas ciências da vida, sendo este um movimento de descrição sobre determinadas características observadas, sentidas e perceptadas. Esta descrição leva consigo um conjunto de ferramentas, uma caixa delas que são utilizadas para analisar o campo-experimentação. Cada ferramenta é trazida a cena no processo experiência para coletar, observar, cortar, organizar, preservar, registrar, revisitar. Michel Foucault (1999; 2015) e Gilles Deleuze (1997) sugerem as ferramentas como instrumentais de cortar o caos e organiza-los. A arte via sensações; a filosofia por conceitos; a ciência usando de descrições de funcionamentos. Esta própria organização é uma forma de taxonomia, mas artes, filosofias e ciências dificilmente operam em separata. Utilizamos então para compor nossa caixa de ferramenta nossas sensações, conceitos e funcionalidades – descritas.

Nosso primeiro movimento, com esta caixa de ferramentas é então voltar os olhos para uma localização, um espaço-tempo em que a vida faz-se agir. Este olhar é lançado com a finalidade dos usos das ferramentas para produção de um diagnóstico. Um diagnóstico que se dá sempre no presente. A descrição é sempre um registro do momento e, “[...] o diagnóstico é constituído a partir de alguns pontos que o olhar designou e a partir dos quais se desdobra o mapa da atualidade” (ARTIÈRES, 2004; p.30) e, o passado é chamado a cena para falar sobre seus efeitos (MARTINS, 1998).

Assim, visando um diagnóstico-taxonomia, voltamos nossos olhares a um grupo da rede social *facebook* ao qual atribuímos o nome de Vale, e neste buscamos explorar os modos de constituição dos corpos e descreve-los – que compõe nosso ato taxonomizador. Nos interessamos pelas dinâmicas realizadas neste grupo por suas características, sendo: a) O grupo tem abrangência oscilante no entorno de 1 milhão de membros envolvidos ativamente com publicações e comentários online; b) Composto por pessoas que se autodenominam jovens e envolvidos com a geração de experimentações “em rede”; e c) Propõe abranger as diversidades étnicas, de gênero, orientação sexual, classes, entre outras ‘N’s categorias políticas de afirmação das diferenças.

Para a composição deste manuscrito, utilizamos das palavras disparadoras: “corpo”, “corpos”, “corpu<sup>2</sup>” e “corpus”, no grupo investigado. As postagens produzidas localizadas foram salvas sob formato de imagens. Sob tais imagens foram lançados o olhar analítico utilizando a caixa de ferramentas conceituais de ressonância Foucaultiana sob a perspectiva do diagnóstico do presente (FOUCAULT, 2015; 1999; ARTIÈRES, 2004; MARTINS, 1998) e dos Estudos Culturais das Ciências e das Educações (SIMON, 2013; WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001) – utilizando como base os conceitos de narrativa de si, normatividade e poder. Estes conceitos guiaram como fios condutores essa taxonomização, dando potência de criação a esse ensaio.

## O OLHAR A SI E AS BIOTÉCNICAS

O funcionamento da rede social *facebook* dá-se principalmente por meio de postagens, reações e comentários. As postagens são constituídas por combinações de diferentes modos de produzir narrativas via uso de imagens, vídeos, textos, músicas, endereços eletrônicos... e da combinação destes elementos. Ao analisar as discursividades sobre os corpos, a seguinte situação é evidenciada (FIGURA 1):

**Figura 1.** Mudanças e intervenções



Fonte: Acervo pessoal retirado do Vale

<sup>2</sup> Lançamos mão desta escrita como palavra disparadora, visto a possibilidade de expressão nas redes sociais que escapam a linguagem legitimada como erudita.

Essa situação e questionamento é constante no grupo: “Manas vocês mudariam algo no corpo?”. Neste *post* ela vem juntamente com um recorte de uma conversa do aplicativo de telecomunicação *WhatsApp*, tendo como tema não dar passeios, economizar dinheiro e realizar uma cirurgia de rinoplastia. Discussão essa que nos leva a reflexão de três atravessamentos no que toca os discursos a respeito do corpo neste grupo: a) Uma técnica de olhar para si; b) Detecção de padrões desvio-norma; e c) Monetização das biotécnicas<sup>3</sup> como *modus* de enquadrar-se a norma.

A produção de publicação no grupo remete ao escrever a si, ao construir um relato de sua trajetória formação. Este relato, ao selecionar uma parte do corpo e uma narrativa de si, arrasta consigo uma produção discursiva produto de um olhar a si mesmo, uma comparação de si com Outros e, um colocar-se a convidar que os outros a olhem. Essa escrita é uma constituinte, à medida que analisa a si e coloca-se a ser visível ao outro sua própria análise. Michel Foucault (1992) apresenta que as narrativas de si mostram-se um processo atravessado técnicas de olhares e constituição de si, enunciando-se e instaurando o próprio corpo-Eu no processo de posicionar-se enquanto sujeito. Exercício presente na antiguidade com os diários íntimos dos *hypomnematas*, as cartas aos amigos de Sêneca, até os exercícios-técnicas medievos (que se estendem a contemporaneidade) de confissão em público, ritualística e em constância.

O olhar a si é desencadeado, nesta movimentação, no produzir-se e fazer-se visível ao outro. Reconhece-se e posiciona-se como sujeito, apresentando-se e fazendo-se ator semiótico perceptível ao Outro. Esta técnica de olhar a si, e mostrar-se ao Outro, estimula que o Outro também mostre-se para fazer-se existir a medida que cria um coletivo de reconhecimentos – de si e do Outro.

Todavia, esse olhar é direcionado pelo modo de perceber-se via um conjunto de linhas de subjetivação que atravessam os corpos daqueles que produzem a narrativa de si, ou seja, estes percebem-se de certa forma, lugar e atravessado por um conjunto de saberes que constituem o regime de verdade vigente e fazem-se ver desta ou daquela forma (FOUCAULT, 2015; 1999; 1992). Este regime de verdade consiste em um conglomerado de saberes-poderes-verdades que naturalizam modos de ser, pensar e existir; dão tónus de normalidade, produzindo-a e localizando o sujeito. Assim, o sujeito enuncia-se e ao fazer-se pontua a necessidade de uma “[...] rinoplastia”.

---

<sup>3</sup> Considera-se neste manuscrito técnicas como modos de produção (FOUCAULT, 2015; 1999; SIBILIA, 2015; SIMON, 2014) e *bios* referentes as vidas (ar)regimentadas. Assim, biotécnica consiste em operações de produção de modos de vida-existência, considerando que o lançar as técnicas sob os corpos (de)(re)compõem vidas-existências.

A rinoplastia consiste em uma intervenção cirúrgica-plástica que dá outros moldes a morfologia do nasal. Esta consiste em uma biotécnica, à medida que envolve um conjunto de ferramentas, instrumentais, saberes e operações lançadas sob os corpos e visa a adequação destes via intervenções cirúrgicas-transformativas. Essas biotécnica ancora em um regime das vidas, dos modos de ser, desde a classificação dos corpos até o desenvolvimento organizacional de padronizações para estes – no campo das ciências da vida, econômica e humanas (FOUCAULT, 1999). Neste sentido, a rinoplastia mostra-se uma intervenção para correção de fluxos respiratórios considerados normais, e/ou como finalidade de readequação estética afim de aproximar-se de uma beleza desejável – ambos instituídos no escopo discursivo das ciências. Neste sentido, se a produtora de narrativas sobre si percebe-se e vê essa necessidade de *(re)adequatio*, isto é realizado no olhar para si reconhece-se como constituída por uma morfologia que não corresponde a uma normalidade esteticamente aceita, ou que esta estética pode ser melhorada, ou seja, reconhece-se em um quadro de referências de desvio-norma em que algo precisa ser “corrigido” via usos de biotécnicas: os padrões biológicos instituídos discursivamente, via biotécnicas podem ser *(re)adequados*.

O corpo-Eu nesse sentido olha para si, faz-se ver via narrativas, percebe-se ao olhar ao Outro – com olhar composto por uma rede de discursividades das ciências da vida – e vê a possibilidade de se *(re)adequar* afim de atender uma estética vigente. Para isso, o mesmo propõe-se da utilização da biotécnica identificada como “rinoplastia”. Neste fluxo discursivo, para que a adequação de sua morfologia nasal seja possível via esta biotécnica, são indicados ao menos dois movimentos: “não sair” e “juntar dinheiro”.

O “não sair” vem acompanhado do não ‘ser chamado para’, o não ser convidado para idas a cinemas, comer, teatros, passeios, praças, boates... Este “sair” é apresentado no sentido de levar-se e/ou ser levado a outro espaço. A ida a esses outros espaços representa os turismos, dão-se pela busca de outros prazeres, conhecimentos, potências (NIETZSCHE, 1974). Espaços que são também de convivência e, do faz-se ver. Nestes Espaços de convivência os Outros sempre são encontrados e tem-se uma experiência estética.

Assim, não ser convidado envolve um não ser visto em espaços coletivos. Pode-se interpretar que a pessoa que produz esta narrativa, talvez, não quer ser vista com determinada morfologia nasal, seja por sentir-se desconfortável com o corpo e/ou pela busca de uma economia capital. Desta forma, abre-se mão da possibilidade de frequentar outros espaços, conhecer outras pessoas e vivenciar outros prazeres, acarretado por reconhecer-se com uma estética não normativa, levando-a a não frequentar determinados espaço. Neste sentido a adequação da norma (FOUCAULT, 2015; 1999), o pertencimento operacional ao rebanho (NIETZSCHE, 1974), leva a uma sedentarização, um isolamento até o

readequar-se. A readequação neste sentido, anestesia os corpos à medida que seus prazeres são suprimidos e que nem pode ser chamada a comparecer para não ‘cair em tentação’.

Alinhado a supressão dos prazeres, encontra-se o atravessamento do capital. Existe uma preocupação com a economia para readequação do corpo, afim de adequar-se à norma e colocar-se em uma estética elogiável. Neste sentido, evidencia-se uma linha de subjetivação que remete ao “sair”, aventurar-se, ir a outras localidades e experimentar sensações como algo diretamente relacionada ao uso de dinheiro, bem como a utilização de biotécnicas para intervenções corpóreas de readequação ao regime normativo vigente.

Neste sentido, o capital é um campo de readequação, mas envolve um conjunto de anestésias sensoriais e de sequestros discursivos para uma adequação de si. Um sequestro que toma e monetariza biotécnicas. O campo das biotécnicas, neste sentido é tomado pelo *pay-for-yourself*, em que se existe a possibilidade de enquadrar-se em um padrão de beleza desde que se pague por ele. O controle da vida, e das vivências dos corpos individuais e populacionais – tratados por Michel Foucault (2015; 1999) por biopoder – é possível de ser negociado, desde que esteja disposto a pagar e de abrir mão de outras experiencialidades-*saídas*.

O apelo a biotécnica não biotecnológica-cirúrgica, mas de uma ascese<sup>4</sup>, de um exercício contínuo que estabelece código de condutas-privações para caminhar em direção a (re)adequação do corpo a uma norma vigente, como as dietas e exercícios de longo prazo, também faz-se presente.

Vê-se caminhos de uma Pedagogia operante nestas situações, à medida que os sujeitos são convidados a olhar aos próprios corpos e refletir se estão felizes ou se querem transformar algo. É uma apropriação do olhar para as morfologias corpóreas, o entender-se em um regime discursivo de normalidade-desvio de querer, ou não, adequar-se por meio de biotécnicas, seja cirúrgica ou de ascetes. Neste sentido, a apropriação de discursos biológicos, do olhar ao corpo-Eu e seus encontros biotécnicos mostram uma biologia negociada no ciberespaço, em que as pessoas optam, vertem seus olhares, e compõe-se no encontro com estas. Citam biotécnicas conhecidas, coisas que gostam ou não em seu corpo e, os exercícios que fazem para consigo e o Outro. Um espaço de interlocução, trocas e diálogos. Um momento em que um corpo pós-orgânico, produzido em relatos nas redes sociais, encontram-se com as (cib)organicidades do Outro lado da tela (SIBILIA, 2015).

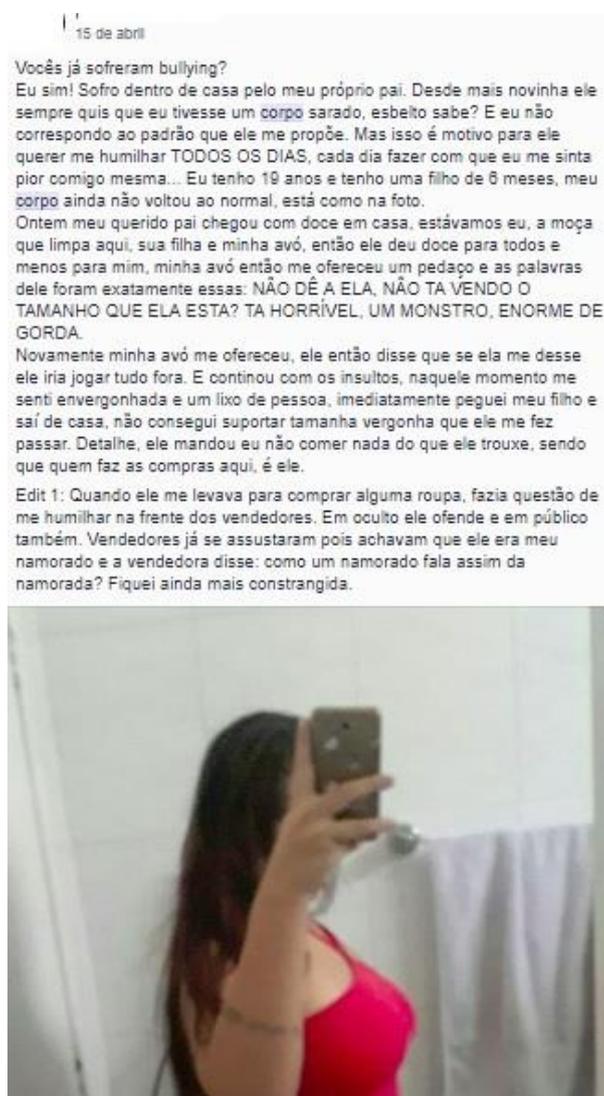
---

<sup>4</sup> Utilizou-se do termo ascese visto que este consiste em um exercício de vida, contínuo, que requer esforço e um (auto)governo de si e do Outro (FOUCAULT, 2015). Todavia, este exercício é imerso em jogos de saberes-poderes-verdades e verte-se em movimentações as buscas de verdades-controles-normalizações, Seja para instaura-las, seja para mantê-las, o exercício é um *continuum*. É pensando nesta continuidade da manutenção da verdade e de regimes normativos, de formas em operação que se optou pelo uso deste termo.

## VIOLAÇÕES E O CORPO DO OUTRO

Nos movimentos no entorno do grupo, outra analítica de si e do corpo é recorrente: relatos de experiência. Os relatos de experiência consistem nos encontros de relatos formativos, histórias orais, histórias de vida, narrativa de si ... uma gama de modos possíveis de produzir a si a medida que produz um relato e que reflete-se acerca de como *tornou-se o que é* (NIETZSCHE, 1974). Dentre eles, um conjunto de relatos assemelham-se ao seguinte (FIGURA 2):

Figura 2. **Bullying sofrido**



Fonte: Acervo pessoal retirado do Vale

Um relato que apresenta uma relação da percepção do corpo por si e também por Outro, no caso seu pai. Aqui também é presente uma analítica de uma relação de norma-desvio de uma morfoanatomia corpórea (FOUCAULT, 2015; 1999). Entretanto, existe um enfoque distinto, não dado pela investida de biotécnicas ascéticas ou cirúrgicas para readequação corporal, mas de ações de um Outro que agem sobre o corpo desta moça afim de (re)normaliza-lo. Veja, nas biotécnicas um indivíduo age sob o corpo-Eu sob um regime de contratação e especialidade, aqui opera um outro modo de operação: a posição do sujeito que opera.

Vê-se o posicionamento de pai frente às instituições familiares sempre conferiu uma posição de chefia-posse da residência, mesmo que atribuída a gestão do lar as feminilidades (FOUCAULT, 2015; BOURDIEU, 1999). A movimentação familiar do pai provedor, aquele que “faz as compras” e leva a comida para casa, reforça a intencionalidade de comando sob o Outro que é alimentado – semelhante a uma subjetividade que considera o Outro animal-propriedade. Assim, o mesmo toma a si o direito de readequar o Outro a norma via processos de violação, colocando-a em um espaço de monstruosidade, humilhando-a, constringendo-a. Neste sentido, violências físicas são acionadas a medida que a mesma é privada de alimentação e, violências psicológicas a infringir a esta danos morais.

O anseio de (re)adequação de sua filha a norma toca também no plano das vontades, a busca de anestesiar os desejos do Outro, negando-lhe a possibilidade de alimentar-se daquilo que deseja. Para Friedrich Nietzsche (1974) aquele que anseia por uma padronização, um rebanho, é tão impotente que não consegue existir se o Outro não se encontra adequado a sua insípida existência e, assim, este precisa que a vontade do Outro seja esvaziada, suprimida e para isso intoxica o Outro. A intoxicação neste sentido é aquilo que atrapalha as funções vitais do sujeito, aquilo que o leva a experimentar a vida; neste caso a supressão do desejo da moça que se faz narrar, dar-se pela castração de seus desejos. Esta castração dos desejos do Outro é um fenômeno da transformação do Outro em propriedade, à medida que o esvazia de suas vontades via as vontades daquele que suprime.

A transformação do Outro em propriedade é perceptível em Pierre Bourdieu (1999) no que tocam os processos de dominação masculina. Para esse, o regime de dominação masculina opera no plano físico e mental, via violações e, também, no plano simbólico, via naturalizações das posições de sujeito. Essa naturalização atravessa o plano das vontades-desejos, que são direcionadas a constituição de *habitus*, construções de capitais culturais que são interiorizados e naturalizam-se, tornando-se quase que imperceptíveis; ou seja, desloca as vontades-desejos a operarem em consonância com padrões-normas instaurados via supressão-esvaziamento de vontades-desejos e negociações com estas.

A supressão-esvaziamento das vontades-desejos, no que toca a dominação masculina, é um movimento intencionado. No caso das conformações simbólicas atreladas a massa corporal a mesma é produto de discursividades a respeito de aspectos eleitos-eleitores de corpos como saudáveis, ou não, da ocupação do corpo feminino nos espaços – visto que se tem uma inclinação as mulheres ocuparem o menor espaço possível (BOURDIEU, 1999) – e até mesmo da estética como valoração cultural da posse.

Este discurso, movido no ciberespaço, constitui o fenômeno da constituição de grupos online como (des)territórios de acolhimento em que é possível denunciar violações acerca das investidas do Outro sobre os corpos na tentativa de (re)normaliza-los e (re)adequá-los, buscar reconhecimento-apoio nestas localizações e colocar padrões estéticos em análise – visto que Outros participantes atravessam esse relato com apontamentos como “Não tem nada de errado no seu corpo”, “você é linda”, “ame-se”, entre outros. Neste é possível também traçar a leitura de mudanças nos corpos em espaços temporais e fenômenos como a gravidez, bem como violações que se vertem sobre os corpos realizadas dentro das residências levando ao conclave destes corpos por outros espaços para realizar estas discussões-diálogos.

## CONSIDERAÇÕES

Ao buscar uma analítica do presente no entorno de “Como os corpos fazem-se no ciberespaço?”, deparou-se como um conjunto de (bio)técnicas em que os corpos são substrato do olhar a si e ao Outro. Vê-se que as mobilizações discursivas davam-se por indagações que direcionavam esse olhar, estimulavam a reflexão e a enunciação do corpo ao fazer-se mostrado via as textualidades no ciberespaço. Nas postagens analisadas sempre que a palavra corpo aparecia, esta estava relacionada a um regime de reconhecer-se em um padrão norma-desvio e buscar (re)adequação do mesmo. Evidencia-se que este padrão norma-desvio é produto discursivo das ciências da vida e suas pedagogias operantes e, que o *adequatio* dos corpos guiavam-se por biotécnicas produtos de uma reflexão de si, sendo: a) cirúrgicas-monetarizadas, em que investia-se uma quantia de dinheiro em um regime de contratação de um especialista que se aplicava a normalização do corpo; e b) ascese, via instauração de códigos de condutas e um regime-exercício contínuo tendo extensão para toda uma vida – uma vida dedicada a exercitar-se e renunciar desejos para manter um corpo adequado a norma.

Os discursos referente aos corpos no ciberespaço demonstraram, também, enfoque na violência do Outro para com o corpo-Eu, afim de (re)adequação por vias de violação – física, psicológica-mental e simbólica –, todavia os grupos mobilizam espaços de acolhimento que permitem que estas narrativas

de si sejam veiculadas, produzindo espaços de reconhecimento, bem como de rediscutir padrões corporais e positivar as diferenciações.

Estas são apenas algumas das dinâmicas de constituição dos corpos no ciberespaço e, de suas relações com as biotécnicas e apropriações de discursividades-pedagogias das ciências da vida, aqui mobilizados. Um trabalho ainda em curso e, também um convite à reflexão.

## Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GRÓS, Frédéric. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 15-38
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1997
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976
- ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-76
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. 2. ed. 264p.
- MARTINS, Carlos José. **Michel Foucault: Filosofia como diagnóstico do presente**. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- SIBILIA, Paula **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015
- SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Alienígenas**

**em sala de aula:** Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013, p. 61-82

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

Recebido em: 26/10/2018

Aceito em: 01/11/2018

Endereço para correspondência:

Nome: Alexandre Luiz Polizel

E-mail: alexandre\_polizel@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).